

ESCOLA 25 DE MAIO: AVANÇOS E DESAFIOS

Lucyara Carvalho de Jesus[1]
Lanna Christi dos Santos Costa Cabral[2]
Marilia Carla de Mello Gaia[3]
Natacha Eugenia Janata[4]
Alex Verdério[5]

Círculo de Saber 02: Educação do Campo, formação por área de conhecimento e Agroecologia

Palavras-chave: Escola do Campo; Agroecologia; Práticas Educativas;

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de parte da pesquisa vinculada ao projeto "Sustentabilidade, Educação do Campo e Agroecologia: organização sócio-produtiva e processos formativos em assentamentos rurais na Bahia, no Paraná e em Santa Catarina". A pesquisa foi desenvolvida entre 1º de maio de 2024 e 31 de março de 2025, com foco na Escola de Educação Básica 25 de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista, em Fraiburgo (Santa Catarina). O objetivo foi analisar como a proposta educativa da Escola se articula com os processos produtivos e culturais do território, promovendo formação crítica, permanência no campo e práticas agroecológicas sustentáveis.

[1] Graduanda da Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza e Matemática da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: lucyaraj8@gmail.com
[2] Graduanda em Agronomia do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: lanna.christi@hotmail.com
[3] Professora adjunta do Departamento de Zootecnia e Desenvolvimento Rural, Centro de Ciências Agrárias (CCA), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: marilia.gaia@ufsc.br
[4] Professora associada do Departamento de Educação do Campo, Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: natacha.janata@ufsc.br
5 Professor adjunto do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: alexverderio@ufrb.edu.br



A Escola 25 de Maio foi fundada em 1989, fruto da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), após a primeira ocupação de terras no estado de Santa Catarina, ocorrida em 1985. A partir dessa conquista, 85 famílias foram assentadas e, desde os primeiros anos, organizaram-se para garantir educação formal contextualizada e vinculada à realidade camponesa.

A metodologia da proposta combinou pesquisa documental (análise do Projeto Político Pedagógico - PPP), bibliográfica (com base em autores como Paulo Freire, Roseli Caldart e Domenique Guhur) e trabalho de campo, realizada em outubro de 2024. A parte de campo envolveu nove entrevistas com agricultores/as e educadores/as, além de observação participante, registro fotográfico e levantamento de materiais na biblioteca escolar. Os dados foram analisados com base na triangulação metodológica, visando compreender a relação entre educação, produção e território.

Educação do Campo e Agroecologia: fundamentos e práticas formativas na Escola 25 de Maio

A Escola 25 de Maio constitui-se como um espaço pedagógico profundamente enraizado nos princípios da Educação do Campo e da Agroecologia como ciência, práxis e luta social (GUHUR; SILVA, 2021). Sua proposta formativa não se limita à transmissão de conteúdos acadêmicos, mas busca articular saberes populares, científicos e políticos em um processo educativo que promove autonomia, justiça social e sustentabilidade ambiental.

Ancorada na fundamentação teórica do trabalho, a Escola materializa a Pedagogia do Movimento Sem Terra (CALDART, 2000), que entende a educação como instrumento de luta de classes voltada para a construção de uma sociedade socialista. A escola, nesse sentido, é muito mais do que um espaço de ensino: é um organismo vivo de resistência, onde a educação busca se entrelaçar com a produção, a cultura camponesa e a organização coletiva. O PPP da Escola 25 de Maio (2024, p. 18) afirma que “a organização do currículo deverá trazer situações que exijam respostas práticas relacionadas com os conhecimentos já adquiridos”,

reforçando a necessidade de uma educação contextualizada, que dialogue com a realidade concreta dos estudantes e a materialidade da vida no campo e na Reforma Agrária.

Partindo do referencial teórico da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2005), uma das constatações que evidenciamos pela pesquisa é que a escola tem o intuito de promover um processo dialógico entre educadores/as e educandos/as, onde o conhecimento é construído coletivamente. Essa concepção se manifesta nas práticas de gestão democrática, nos Coletivos de Educadores/as, nos Núcleos de Base e na auto-organização dos/as estudantes, que participam ativamente da vida escolar.

Como destaca Freire (2005, p. 47), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”, princípio este que orienta a prática cotidiana na instituição.

Identificamos também que os fundamentos da Agroecologia, por sua vez, não são tratados como uma disciplina isolada, mas como um modo de vida. A Escola integra práticas como o cultivo em hortas mandalas, a implantação de sistemas agroflorestais (SAFs), a compostagem, o manejo de sementes crioulas e a criação de animais durante as atividades do Tempo Trabalho Educativo (TTE), momento em que os/as estudantes vivenciam diretamente o trabalho no campo. Essas atividades são parte essencial do Curso Técnico em Agroecologia, ofertado integrado ao Ensino Médio, que forma jovens para atuarem como técnicos/as, multiplicadores/as e agentes de transformação em seus territórios.

Em nossa pesquisa de campo constatamos que a biblioteca da Escola reforça esse compromisso com a formação crítica. O levantamento realizado identificou uma coleção rica e diversificada de obras sobre Agroecologia, Reforma Agrária, Educação Popular e Movimentos Sociais, incluindo autores como Ana Maria Primavesi, José Lutzenberger, Rosa Luxemburgo, MST/Via Campesina e Paulo Freire. A presença desses materiais demonstra o esforço coletivo de articular o saber acadêmico com as lutas do campo, fortalecendo a literacia crítica e o acesso ao conhecimento como ferramenta de emancipação.

Os dados coletados revelam que a Escola 25 de Maio é um espaço de produção de saberes, onde a educação se confunde com a vida. As observações de

campo evidenciaram a coesão entre o discurso pedagógico e a prática cotidiana: os estudantes demonstram envolvimento nas tarefas coletivas, senso de responsabilidade com os espaços e protagonismo nas decisões. A horta mandala, por exemplo, é mais do que um local de cultivo que é um laboratório vivo de Agroecologia, onde se aprende sobre biodiversidade, ciclos naturais, polinização e organização espacial sustentável.

Resultados e Discussões

As entrevistas com agricultores/as e educadores/as reforçam o papel transformador da escola. Seu Gerônimo Cordeiro (entrevista realizada em 10/2024), assentado desde 1985, afirma: “Muito grande. É imensa. Porque os filhos estudaram nessa escola agrícola. Os netos estudaram ali. Então, a escola foi uma benção de Deus para nós sempre.”. Esse depoimento ilustra o caráter intergeracional da escola, que vem formando ao longo de sua existência, não apenas estudantes, mas gerações inteiras comprometidas com a Agroecologia e a permanência no campo. A instituição atua como um ponto de referência, um “espelho”, como afirmou a agricultora Maria Terezinha Santin Júlio Oliveira (entrevista realizada em 10/2024), onde os jovens aprendem a reproduzir práticas sustentáveis em suas propriedades.

O perfil dos/as educadores/as revela uma combinação entre formação técnica e vínculo com a comunidade. A professora Ariana Paula Cunico, por exemplo, mora no assentamento, estudou na escola, e seus pais participaram da fundação da comunidade, um exemplo da circularidade dos saberes entre escola e território (BORGES *et al*., 2012). Já o professor Jailson de Almeida Correa (entrevista realizada em 10/2024) licenciado em Educação do Campo pela UFSC, destaca que “trabalhar numa escola de agroecologia exige vínculo” e que, com o tempo, “você descobre e agrega valores que já vinha desde a infância”.

Apesar dos avanços, a Escola enfrenta desafios significativos. A rotatividade de professores/as temporários/as (ACT – Admissão de Caráter Temporário) compromete a continuidade dos projetos pedagógicos, e as limitações financeiras afetam a infra-estrutura e os recursos didáticos. Além disso, há dificuldades na

retenção de estudantes no primeiro ano do Curso Técnico, devido à adaptação à rotina de internato e à distância da família.

Outro desafio é a pressão do modelo convencional de agricultura, com seu pacote tecnológico baseado em agrotóxicos e sementes transgênicas, que ainda exerce influência sobre algumas famílias, dificultando a transição completa para a Agroecologia (DOMINGUES *et al*., 2021). Contudo, como afirma um dos assentados e produtor orgânico: “Tem muita relação com a Escola Vinte e Cinco de Maio... você tem que ter uma postura de defesa, não é subir num toco e fazer um discurso... você tem que fazer na prática.”. Assim, concordando com Guhur e Silva (2021), “essa prática cotidiana é o cerne da Agroecologia como ciência, práxis e luta social. A escola não apenas ensina agroecologia, mas a vive, promovendo uma educação que é, ao mesmo tempo, técnica, política e ética.”

Conclusão

A experiência formativa da Escola 25 de Maio demonstra que é possível uma Educação do Campo enraizada no território, voltada para a transformação social e para a construção de alternativas sustentáveis. A Agroecologia, nesse contexto, não é apenas um eixo curricular, mas um modo de ser, viver e educar. A escola se consolida como um espaço de produção de saberes, fortalecimento da identidade camponesa e promoção da sucessão geracional na agricultura camponesa e familiar.

Como educadoras vinculadas a Educação do Campo, essa vivência permitiu ampliar o entendimento sobre a potência da escola agrícola como espaço político-pedagógico. Fortaleceu, ainda, a identidade e o compromisso com a formação de educadores/as e técnicos/as conectados/as com as lutas sociais, com a terra e com os saberes populares, essa vivência nos permitiu ampliar o entendimento sobre a potência da escola agrícola como espaço político-pedagógico. A Escola 25 de Maio é, sem dúvida, um exemplo inspirador de como a educação pode ser um elo de transformação do entorno rural, alinhada aos princípios da Reforma Agrária Popular e da Agroecologia.



Figura 1. Escola 25 de maio. Foto do arquivo de Letícia Barbosa.

Referências bibliográficas

CALDART, R. S. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DOMINGUES, S. et al. **Agroecologia e Pedagogia da Alternância**: um estudo de caso da Escola Tecnológica de Fraiburgo, Santa Catarina. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 102, n. 262, 2021.

EEB VINTE E CINCO DE MAIO. **Projeto Político Pedagógico**. Fraiburgo, 2024.
BORGES, L. P. C. et al. A circularidade de saberes na formação docente. Revista Teias, v. 14, n. 28, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GUHUR, D.; SILVA, N. R. Agroecologia. In: DIAS, A. P. et al. (Orgs.). **Dicionário de agroecologia e educação**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

KUHN, A. **Juventude do campo e migração:** escolarização, resistência e expansão do agronegócio. Ponto e Vírgula, n. 18, 2015.